



O ciberespaço e os polissistemas: influências nos sistemas literários

Cyberespace and polissystems: influences in the literary systems

Everton Vinicius de Santa¹

Resumo: O objetivo é apresentar e discutir os conceitos da Teoria do Polissistema, de Itamar Even-Zohar, juntamente com os princípios dos “mapas-múndi” das literaturas, do processo de mundialização e suas contribuições para os estudos literários e da Literatura Comparada à luz do processo de expansão e interferência do ciberespaço nas práticas virtuais de leitura, produção, tradução e disseminação de textos literários.

Palavras-chave: Polissistema; Literatura Comparada; Ciberespaço; Literatura e Informática.

Abstract: Anchored in Even-Zohar’s Polysystem Theory, the paper not only presents and discusses its main concepts, based on the principles of literature “world maps” and the process of “mundialização”. It also applies to in a sense to enlarge the contributions to literary studies and the Comparative Literature focused on the expansion and the interference of cyberspace in the virtual practices of reading, production, translation and dissemination of literary texts.

Keywords: Polysystem; Comparative Literature; Cyberspace; Even-Zohar; Literature and Computer.

Introdução

Os estudos referentes à Literatura Comparada e Literatura e Informática, sobretudo, com foco no hipertexto, têm recebido especial atenção nas últimas décadas por tratarem de teorias e conceitos ainda em ebulição e reflexão e por desencadearem uma vasta abrangência de possibilidades de caminhos à pesquisa. Estes vieses procuram levar à compreensão dos aspectos que envolvem o princípio das relações entre os sistemas literários para que se possa analisar e refletir sobre o objeto de criação artística envolvido nesse universo fluido e virtual que caracteriza o ciberespaço.

A Literatura Comparada se faz presente desde o século XIX e ainda incita questionamentos quando tentamos buscar uma metodologia de trabalho ou uma definição exata do termo, que de uma forma ou outra, está arraigado

¹ Mestre em Letras (UEL) e Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

aos Estudos da Tradução, um pouco mais recentes, devido ao caráter interdisciplinar que apresenta à Literatura Comparada ao tratar dos sistemas literários sob o viés da transnacionalidade envolvendo língua, literatura e nação.

Mais que isso, partimos do pressuposto em que as literaturas são organizadas em um sistema de correspondências entre si, por isso, utilizamos o termo “sistema literário” e remetemos o foco deste trabalho à Teoria do Polissistema, postulada por Itamar Even-Zohar, no sentido das relações de interferência – ou influência, como alguns podem preferir – entre sistemas culturais distintos perpassados um pelo outro, ora mais, ora menos. Essa noção de polissistema pode ser observada com enfoque na disseminação dos ambientes virtuais (idealizado pela internet) enquanto fator ligado ao “processo de mundialização” da comunicação a que José Lambert (em seu texto de 1990) se refere, o que nos permite visualizar sua noção de “mapas-múndi” das literaturas, considerando o ciberespaço o meio por onde as relações entre textos, hipertextos e culturas se dão das mais variadas formas e com mobilidade como nunca antes possível.

Não há dúvidas de que este trabalho é apenas um recorte do arcabouço de pressupostos teóricos que permeiam os vieses do hipertexto, ciberespaço, Literatura Comparada e Literatura e Informática. Partimos, portanto, do pressuposto de que os ambientes virtuais ligados às práticas de leitura, produção, tradução e disseminação de textos literários, estejam em confluência com as reflexões envolvendo a Literatura Comparada, no sentido em que vão ao encontro das propostas de Lambert sobre os “mapas-múndi” e do processo de mundialização. Por isso, este trabalho fará um breve estudo sobre o papel desempenhado por esses ambientes virtuais nos sistemas literários em geral, de modo a verificar suas contribuições para a configuração do que chamamos “mapas-múndi virtualizados” das literaturas, influenciadas pelo processo de mundialização e da expansão do ciberespaço, reflexo do que Even-Zohar (1990) denominara *polissistemas*.

Se pensarmos em organizar hierarquicamente as relações teóricas propostas, chegaremos à seguinte razão: a Literatura Comparada compete aos

Estudos da Tradução, em uma relação simbiótica, ao passo que permite observar a noção de polissistemas relacionados entre si. Esses polissistemas, por sua vez, permitem a configuração dos mapas-múndi dos sistemas literários, sobretudo, no contexto da mundialização, que também pode ser entendida como um processo de desterritorialização. Todo esse conjunto de interrelações está diretamente ligado às práticas de leitura e produção de literatura, evidenciadas pelos ambientes virtuais (ciberespaço), cujas fronteiras são opacificadas, ou seja, há uma aproximação entre leitores, autores e obras, em que se disponibiliza ferramentas de acesso, manipulação e disseminação dos textos.

Desse modo, evidenciamos as relações e contribuições da Teoria do Polissistema para a compreensão dos processos de interferência entre as literaturas, sobre o papel do hipertexto, fruto do *boom* digital e discutido por Pierre Lévy, no que se refere à produção, leitura e disseminação de textos em meio virtual, assim como a disponibilidade de ferramentas de tradução, por exemplo, e sítios que organizam bancos de dados de obras literárias digitalizadas, o que corrobora a relevância dessas discussões para os estudos da teoria literária e das textualidades contemporâneas.

1. Literatura Comparada e Teoria do Polissistema

Os estudos de Literatura Comparada podem seguir por caminhos variados e distintos no sentido em abarcar o fenômeno literário universal entre suas interrelações e contribuições. Moretti (2000, p. 54), por exemplo, coloca um posicionamento com respeito à noção da *Weltliteratur*, de Goethe, no sentido a tratar a Literatura Comparada baseada na observação sob o viés do sistema literário: “I think it’s time we returned to that old ambition of *Weltliteratur*: after all, the literature around us is now unmistakably a planetary system”. Logo, podemos reiterar que a literatura universal constitui-se como o *problema* e não o *objeto* dos estudos comparatistas e um problema em forma de sistema.

Nesse mesmo sentido de *sistema planetário* a que Moretti se refere, Brunel, Pichois e Rousseau (1995, p. 19) tratam dessas relações como “Intercâmbios Literários Internacionais”:

de uma parte, os veículos que transportam de uma nação para outra ideias e gêneros literários, temas e imagens, obras integrais ou fragmentárias; de outra parte, os próprios objetos que as nações trocam entre si. [...] Essas transferências são uma distribuição que se situa entre a produção (a criação literária dependente da genética e da estética) e o consumo (o público ativo e passivo que é estudado pela sociologia da literatura).

Diante desse sistema permeado pelos intercâmbios literários, devemos considerar a tradução, que foi e ainda é, o meio mais eficaz de aproximar as obras-primas das literaturas estrangeiras do grande público receptor. Não apenas obras canonizadas, mas também, as periféricas. A tradução, sem dúvidas, é essencial para entendermos a questão das interferências e, porque não, influências na cultura, história, práticas de leitura e produção de literatura entre nações distintas ao longo dos séculos, sobretudo na Europa.

Essas interferências da tradução, em alguns casos, podem ser observadas em obras de escritores consagrados como Baudelaire, Mallarmé, Poe, Tieck, Proust, Machado de Assis, por exemplo, tanto no sentido em que esses autores foram também tradutores, quanto no que se refere às adaptações desses textos. André Lefevere (2007, p. 14) denomina essa prática de “fenômeno da reescritura”, tanto por tratar diretamente de um processo de evolução literária, quanto no sentido em que mantiveram contato com obras estrangeiras. De um modo ou de outro, essa prática interferiu no processo criativo desses autores. É importante notar, portanto, que a tradução é uma prática significativa para o processo de compreensão da história literária em sua totalidade, sobretudo, quando nos debruçamos sobre a questão do cânone.

Se pesarmos nas obras mais traduzidas até hoje, logo chegaremos ao ideal do cânone literário universal erigido sob as influências de juízos de valor

estético que foram se lapidando ao longo do tempo e acabaram por constituir o cânone literário, não só em níveis globais, mas também nacionais, haja vista que, embora se reconheça o valor das obras denominadas clássicas por todas as academias ligadas à literatura, há de se considerar que as literaturas nacionais também erigem seus apogeu canônicos, ou seja, está determinado pelas regras sociais que uma voz de autoridade, em determinado momento, reconheceu o valor literário de uma obra e a divinizou a tal ponto, que esta foi arraigada às práticas literárias como referência. Esse tradicionalismo que permeia os estudos literários desde meados do século XIX tem sido cada vez mais questionado pelos estudos atuais de literatura, inclusive nos de literatura comparada e, sobretudo, nos estudos de literatura digital.

O que chama atenção é que a prática da tradução e consequente disseminação de obras entre as nações culminaram nessa ideológica constituição do cânone e do não-cânone. Não só a tradução, mas também, a questão cultural, que por vezes é tomada como dignificadora da alta cultura, ou seja, influências políticas, econômicas e sociais também contribuíram para essa noção de classificação.

Contudo, não pretendemos nos aprofundar especificamente nessas questões de cânone ou literaturas nacionais. Diante das considerações apresentadas até o momento, observamos as relações que há entre os estudos de Literatura Comparada quando observados sob o viés da tradução e questões ligadas às interferências que remetem à noção de sistemas literários. Nesse sentido, direcionamentos para a Teoria do Polissistema auxiliam na compreensão da complexidade do fenômeno literário.

Apresentada inicialmente no final da década de 1960 e início dos anos 1970, pelo israelense Itamar Even-Zohar, essa teoria inclui aspectos resultantes dos pressupostos dos formalistas russos (*Formalismo Russo*) e os apresentados por membros da Escola de Praga, do Estruturalismo. Até meados dos anos 1990, Even-Zohar publicou versões revisadas e atualizadas de sua teoria.

Inicialmente, Even-Zohar procurava explicar as especificidades da história literária israelense e as traduções feitas por eles por meio de um

arcabouço teórico. Por isso, Even-Zohar recorre ao Formalismo Russo e aos estruturalistas tchecos no sentido a compreender algumas de suas especificidades quanto aos estudos linguísticos e literários e as noções de sincronia (estático) e diacronia (linha de tempo), uma vez que não há como separá-los quando se trata de um objeto literário, pois ambos tornam-se históricos (EVEN-ZOHAR, 1990). Assim, a literatura deve ser entendida como um conjunto de elementos distribuídos e organizados entre si ao longo dos séculos e que apresentam uma relação direta entre si. Esse sistema de relações, que Even-Zohar denominará *Funcionalismo Dinâmico*, permite verificar a diversidade e complexidade dos sistemas literários heterogêneos:

First, it must be admitted that both synchrony and diachrony are historical, but the exclusive identification of the latter with history is untenable. As a result, synchrony cannot and should not be equated with statics, since at any given moment, more than one diachronic set is operating on the synchronic axis. Therefore, on the one hand a system consists of both synchrony and diachrony; on the other, each of these separately is obviously also a system. Secondly, if the idea of structuredness and systemicity need no longer be identified with homogeneity, a semiotic system can be conceived of as a heterogeneous, open structure. It is, therefore, very rarely a uni-system but is, necessarily, a polysystem – a multiple system, a system of various systems which intersect with each other and partly overlap, using concurrently different options, yet functioning as one structured whole, whose members are interdependent. (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 11)

Assim, esses sistemas abertos podem ser entendidos também como sendo flexíveis e instáveis, mutantes, heterogêneos e que geram interferências por estarem em constante alteração. Nesse sentido, Even-Zohar define o termo polissistema, *grosso modo*, no sentido a entender que há uma instituição literária, cuja autonomia é condição para pensar a sua interrelação com os outros sistemas, ou seja, uma determinada cultura é como um grande sistema constituído por outros sistemas que se relacionam entre si. Esse sistema pode ser entendido como “the network of relations that can be hypothesized for a certain set of assumed observables (“occurrences”/“phenomena”)” (EVEN-

ZOHAR, 1990, p. 27). Desse modo, caracterizado “sistema” e “polissistema”, destaca-se o caráter dinâmico e permeável dos sistemas literários que pode ser compreendido, ainda, como uma ocorrência de fenômenos observáveis, sobretudo, do ponto de vista da tradução e dos ambientes virtuais.

O polissistema é, então, formado por vários outros sistemas que interagem entre si de modo permanente. Essa rede de interdependência se dá entre os sistemas centrais (legitimados por seu valor dentro da alta cultura) e entre os periféricos (não legitimados), o que constitui o círculo do cânone literário, ou seja, o centro é o lugar ocupado por aqueles que detêm maior poder dentro de um sistema e a periferia a região ocupada por elementos menos dominantes ou hegemônicos.

Importante notar que, embora o polissistema literário a que Even-Zohar se refere esteja intimamente ligado às estruturas de poder que definem o repertório canônico, os sistemas estão em constante conflito de interesses para que mantenham sua dinamicidade. Por isso, os sistemas periféricos também fazem parte do polissistema e em oposição aos quais é possível compreender melhor aqueles que ocupam o centro, as estratégias utilizadas, seus valores e interesses, sua evolução (CARVALHO, 2005, p. 31), nos levam a compreender como são dinâmicas as relações e interferências entre eles quando observados com mais cuidado.

Pensar na Teoria do Polissistema sob a ótica dos estudos literários é focar nas reflexões sobre as relações entre sistemas distintos, na interferência que ocorre entre eles e nos processos de mudança provocados por “pressões exercidas da periferia para o centro e vice-versa, buscando-se chegar às leis que regem os fenômenos que constituem os sistemas” (CARVALHO, 2005, p. 33). Um dos vieses para se compreender como essas tensões e interferências ocorrem é por meio da tradução, como fez Even-Zohar no início de seus estudos.

Se partirmos do pressuposto de que um texto traduzido é um processo de reescrita que decompõe um texto e reestrutura outro, o processo intermediário é perpassado pelas interferências ideológicas e culturais de quem faz esse trabalho. Logo, podemos considerar os textos traduzidos como

produtos em que se evidencia “transferências interlinguais” significativas para as construções de sentido presentes nas entrelinhas do texto literário, ou seja, é o polissistema literário se materializando e concretizando as noções sobre a “lei da tradução”:

a tentative comprehensive law of translation can be proposed: In a target system B, either within the same polysystem or in a different polysystem – depending on whether it is stable or in crisis, and whether it is strong or weak, vis-à-vis a source system A – a target text b will be produced according to transfer procedures plus the constraints imposed upon them by the intra-target-polysystem relations, both governing and governed by the target-polysystem repertoire of existing and non-existing functions. (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 77)

Por meio desse sistema apresentado por Even-Zohar é possível visualizar as relações de tensão e coerção de sistemas sobre sistemas no aparato literário, não só sobre a tradução, mas à produção como um todo. A heterogeneidade e funcionalidade do polissistema lhe caracteriza uma natureza dinâmica que deve ser visualizada de um modo global e não pontual para que se evidencie suas distinções. Importante frisar que não pretendemos esgotar os níveis de discussão teórica com respeito à Teoria do Polissistema, mas sim, apresentar um recorte diante de nossa proposta, afinal, esse arcabouço apresenta variados níveis de complexidade e aplicabilidade que não nos é relevante abordar no momento.

Em suma, Carvalho (2005, p. 38) apresenta de modo simplificado como poderíamos estruturar as noções gerais da teoria de Even-Zohar:

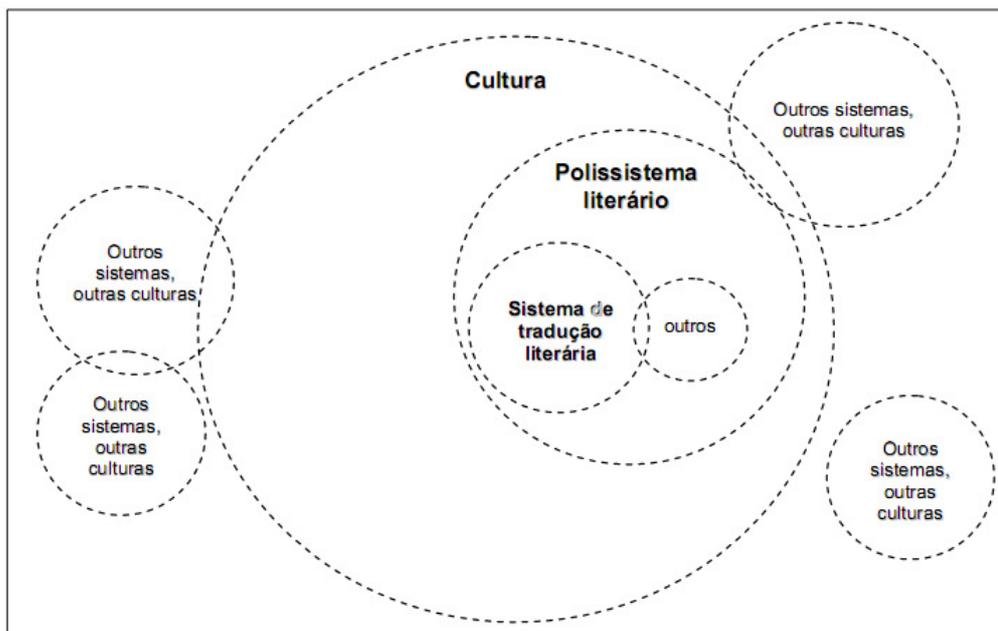


Figura 1 - Representação gráfica da Teoria dos Polissistemas.

2. A configuração dos “mapas-múndi”

Tratar do polissistema é considerar que a noção de *Weltliteratur* é ainda um termo atual, no sentido em que remete às conexões e interrelações que perpassam os textos literários como um todo. Ao lado dessa literatura universal, ou mundial, faz-se presente as literaturas nacionais ainda caracterizando aspectos históricos e culturais de determinada nação. Contudo, mesmo junto a essa ideia de “nacional”, evidencia-se a presença de interferências de ordem não só estética, mas também, ideológica. Não é possível isolar um nicho literário ou pensar em fronteiras literárias quando se trata de um objeto abstrato como a literatura e que se vale das relações entre os indivíduos e sua percepção de mundo, sobretudo, na contemporaneidade, em que os ambientes virtuais vêm abarcando cada vez mais possibilidades de reflexão, produção, disseminação, leitura e crítica de objetos de criação artística.

“Haveria uma só literatura em nível mundial, ou haveria uma multiplicidade de literaturas e de fenômenos literários, e como distingui-los?”, pergunta Lambert (1990, p. 110). Se pensarmos nos conceitos levantados por Even-Zohar, chegaremos perto da resposta? Talvez. Nesse sentido é que podemos pensar os polissistemas dentro do princípio que Lambert aponta com

respeito aos mapas-múndi das literaturas e que está próximo da noção de *distant reading*², em função da abrangência proposta.

Lambert, ao tratar sobre os mapas-múndi das literaturas, parte do princípio da *multiplicação* de mapas a fim de se renovar e reorientar a representação do universo literário, como fazem, por exemplo, os cartógrafos ou meteorologistas em suas áreas de atuação e em função de uma representação concreta. Esse mapa, contudo, apresentaria uma configuração abstrata – e até imaginária – no sentido em que se focássemos em uma representação global de literatura e a explicitássemos por meio de um mapa, como o político, por exemplo, não se consideraria a questão das interferências e conflitos como discutimos ao tratar dos polissistemas. O próprio Lambert (1990, p. 112, grifos do autor) aponta essa questão quando trata do mapa linguístico: “O princípio do mapa parece impedir a compreensão de um dos fenômenos mais evidentes da repartição das línguas: *superposições, interações e estruturações internas* (centros/periferias)”. O mesmo ocorre com as literaturas.

Pensar em um mapa das literaturas sem considerar a questão das línguas é inevitável, afinal, remetemos ao sentido das “literaturas nacionais” e ao visualizarmos seu comportamento em nível mundial, percebemos que suas fronteiras se diluem. Desse modo, consideramos que os ambientes virtuais tornam possível essa visualização no sentido em que permite *virtualizar* sua representação por meio de hiperligações.

Essa é a ideia das fronteiras diluídas vai ao encontro da noção de mídia em movimento de que trata o pesquisador Walter Moser³, em seu projeto de pesquisa *A cultura em trânsito*. Segundo ele, “o mundo contemporâneo é caracterizado pela mobilidade cultural, definida como atos de transferência através dos quais um agente transfere um objeto cultural de um sistema a outro em um contexto histórico concreto” (MOSER apud WALTZ, 2007, p. 196), ou

² *Grosso modo*, forma de análise de texto mais abrangente que vai além do texto em si. Ver trabalho de Franco Moretti, *Conjectures on World Literature* (2000), disponível em: <http://migre.me/1pFm9>

³ Professor do Departamento de Línguas Modernas e Literaturas e coordenador de pesquisas em Transferências Literárias e Culturais, na Faculdade de Artes da *Universidade de Ottawa*, Canadá.

seja, há um trânsito evidente que podemos correlacionar às manifestações culturais como um todo, muito próximo do sentido da intertextualidade ou dos palimpsestos⁴ de Genette (obra de 1982).

Em se tratando de ciberespaço e mídias contemporâneas, Moser propõe a investigação desse movimento em três campos e conceitua “locomoção”, “midiamoção” e “artemoção” (BAHIA, 2009, p. 13). Para os estudos de Literatura e Informática, o conceito de “midiamoção” é essencial para entendermos essa ideia de movimento a que se refere o teórico, uma vez que ele está relacionado com as mídias contemporâneas e sociovirtuais, suas influências no processo criativo e no trânsito do cenário pós-moderno (ou pós-humano), que se resume ao simples ato de sentar-se em frente à tela de um computador: “O ser humano pode estar fisicamente imóvel, é o mundo midiático que está em movimento na tela e que desfilando interpela pelo nosso aparelho sensorial” (MOSER apud BAHIA, 2009, p. 13).

Consideramos que para representar as literaturas como um todo, não podemos nos ligar ao sentido de literaturas nacionais pelo fator das interferências que há entre os sistemas literários. Logo, nenhuma literatura é absoluta em seus ideais estéticos e ideológicos, seja do centro, seja da periferia. Não podemos ainda, considerar apenas questões políticas de poder ou ideologias dominantes, sobretudo, se pensarmos na influência do nicho europeu, afinal, mesmo que tentássemos representar as literaturas sob o ponto de vista político, acabaríamos por descartar as mais periféricas. Não poderíamos ainda, como colocado anteriormente, pensar na questão das línguas, afinal, o multilinguismo se faz presente em muitas nações, incluindo a questão das literaturas não-escritas. Desse modo, não podemos delimitar o fenômeno literário dos sistemas levando em conta apenas um dos aspectos de análise ou de visualização, do contrário, sempre haverá algum sistema excluído.

⁴ “O palimpsesto é uma imagem arquetípica para a leitura do mundo. Palavra grega surgida no século V a.C., depois da adoção do pergaminho para o uso da escrita, palimpsesto veio a significar um pergaminho do qual se apagou a primeira escritura para reaproveitamento por outro texto” (PESAVENTO, 2004, p. 26).

Lambert (1990, p. 117) justifica essa tentativa de representação dos mapas-múndi explicitando que:

Minha idéia de recorrer a certos mapas-múndi tinha, em primeiro lugar, um objetivo destrutivo: o de fazer ressaltar a impossibilidade de representar, com a ajuda de esquemas estáticos, fenômenos que são dinâmicos e estratificados por natureza; também o de sublinhar que os quadros de toda pesquisa são inevitavelmente construções que convém ajustar sempre. Não mais que um livro, um único mapa jamais poderia colocar em cena a totalidade das línguas ou a totalidade das literaturas. A vantagem dos mapas em relação aos livros é que eles não correm o risco de enganar os pesquisadores: é possível corrigi-los, multiplicá-los, repensá-los, mesmo sabendo que se trata de construções e não de "fatos", que explicitam tanto as zonas a cultivar como as já cultivadas.

Essa ideia de que uma única obra ou mapa não poderia abarcar a totalidade das línguas ou literaturas reforça a ideia de que o ciberespaço permite essa visualização e representação, principalmente, por ser um ambiente sem fronteiras, cujo acesso é facilitado por ferramentas disponibilizadas aos usuários da internet. Essas ferramentas podem ser entendidas sob o viés pragmático da elaboração dos mapas-múndi das literaturas propostas por Lambert, por exemplo.

Novas tecnologias de comunicação e informação em constante expansão e imersas no ciberespaço, como o *iTunes*, o YouTube, o orkut, o micrologue Twitter, os sítios, os blogues e uma série de outras redes sociais de relacionamento e/ou compartilhamento de textos, imagens e sons, são observadas em todo o mundo e abarcam cada vez mais usuários. Logo, podemos dizer que há um movimento de reestruturação cultural permeado por práticas virtuais envolvendo a maior parte das atividades cotidianas, direta ou indiretamente, reconfigurando as fronteiras físicas e tecnológicas que limitavam, por certo, o acesso à informação e que, atualmente, resumem-se a um processo de desterritorialização, termo proposto por Deleuze e Guattari (2009). Ou seja, sob o ponto de vista literário e da imersão no ciberespaço, é possível ter acesso aos mais variados gêneros literários e textos das mais

diversas línguas e nações de modo ilimitado. Os ambientes virtuais geram a desterritorialização e a diluição de qualquer espécie de fronteira que se possa tentar instituir⁵.

Todo esse processo de mapa sem território pode ser visto à luz do que Lambert chama de movimento de “mundialização” da cultura e da comunicação em geral, que Rouanet (2000, p. 1) resume do seguinte modo: “Cada vez mais os valores, símbolos e produtos culturais extravasam as fronteiras nacionais, e cada vez menos eles podem ser reduzidos à mera soma das culturas locais, ou à extroversão imperialista de uma cultura nacional hegemônica.”

A concretização dos mapas-múndi de Lambert se daria, portanto, por meio da elaboração de um mapa virtual em que se consideraria todos os aspectos possíveis que envolvessem o fenômeno da literatura mundial e cuja construção se constituiria por meio de *hiperligações*, ou seja, o que favoreceria a navegação aos saltos de um ponto a outro, percorrendo vários dos caminhos e descaminhos da literatura mundial e suas particularidades. A ideia de *hiperligação* ou navegação aos saltos no ciberespaço (ou ambiente virtual) está ligada aos conceitos apontados por Pierre Lévy que trata do hipertexto, “um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos” (1993, p. 33).

A “mundialização” dos sistemas culturais se concretiza por meio do ciberespaço, que permite o acesso à uma infinidade de textos e dialoga com os pressupostos levantados por Even-Zohar ao tratar dos polissistemas. Se antes essas relações entre literaturas distintas eram possibilitadas pelo conflito entre centro e periferia e por meio da tensão permanente que mantém a dinamicidade do fenômeno, hoje, diferentemente do que foi no século XIX, o contato e o acesso entre línguas, culturas, ideologias, correntes estéticas, técnicas de elaboração e disseminação de textos literários, estão favorecidos pelos ambientes virtuais que mantêm viva essa dinâmica do aparato literário.

⁵ Embora o acesso à internet seja ilimitado no sentido de sua abrangência, devemos considerar que há 24 países que realizam algum tipo de filtragem em seu acesso, como China e Irã, por exemplo. Os dados (de 2009) são da *OpenNet Initiative* (<http://opennet.net/>) – uma parceria entre a Universidade de Toronto, Harvard, Cambridge e Oxford, que explica: o principal fator que leva os governos a censurarem a web é o seu caráter aberto e democrático.

Podemos pensar ainda em como o ciberespaço possibilita a troca de informações em tempo real, por exemplo, se pesarmos em um trabalho de tradução envolvendo entidades em diferentes partes do globo, ou mesmo se pensarmos no acesso às obras dos mais variados gêneros, estilos e épocas disponibilizadas em bancos de dados e bibliotecas digitais⁶, uma vez que a ausência desses recursos limitava o trabalho tanto do pesquisador, quanto do tradutor. Mesmo a noção de centro e periferia continua a ser questionada, no sentido em que o ciberespaço não faz distinção categórica de valor literário e coloca até mesmo as nuances com respeito ao cânone em xeque, afinal, o que antes era regido por uma gama de vozes de autoridade tradicional constituída por um grupo restrito e dominado por uma elite ideologicamente do centro.

Nas últimas décadas, com o *boom* das práticas digitais, esse isolamento ideológico que conduzia o cânone literário começou a ser desfeito, afinal, por mais que se tente isolar determinado estereótipo sobre “leia isso, não leia aquilo”, perde-se a essência quando passa dos manuais impressos de literatura para o ciberespaço, abrindo possibilidades de produção, reflexão, crítica e troca de informações, ou seja, tenciona, dinamiza e reconfigura a própria aura mítica da obra de arte como um todo, segundo aponta Walter Benjamin, sobretudo se a visualizarmos sob o viés dos ambientes virtuais:

o que murcha na era da reproduzibilidade da obra de arte é a sua aura. O processo é sintomático, o seu significado ultrapassa o domínio da arte. Poderia caracterizar-se a técnica de reprodução dizendo que liberta o objeto reproduzido do domínio da tradição. Ao multiplicar o reproduzido, coloca no lugar de ocorrência única a ocorrência em massa. Na medida em que permite à reprodução ir ao encontro de quem apreende, atualiza o reproduzido em cada uma das suas situações. Ambos os processos provocam um profundo abalo do reproduzido, um abalo da tradição que é o reverso da crise atual e a renovação da humanidade. Estão na mais estreita relação com os movimentos de massas dos nossos dias. (BENJAMIN, 1985, p. 4)

⁶ Como, por exemplo, as disponibilizadas em:
<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/public/index.php>;
<http://www.loc.gov/index.html>;
<http://www.wdl.org/pt/>;
<http://bndigital.bn.br/index.htm>;
<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>

Contudo, os polissistemas são como uma rede de interrelações entre diferentes níveis de cultura, arraigados a um processo de dinamicidade constante, muito em função dos movimentos “midiamotores” de contato que ocorrem entre ideologias distintas, gerando novos produtos ou textos cada vez mais permeados por essas interferências, que se mostram visíveis quando voltamos à atenção para a expansão do ciberespaço. Essas práticas de leitura e produção de literatura estão presentes em níveis globais e nos permite elaborar os mapas-múndi das literaturas uma vez que inserem-se e correlacionam-se por meio do ciberespaço.

Desse modo, podemos pensar em um ambiente virtual que gera uma *universalização* da cultura literária gerada pelo processo de mundialização, cuja abertura permite uma nova configuração para “estimular novos sincretismos, formas inéditas de hibridação. Era a isso que Marx aludia quando falava nas sínteses produzidas pela interação entre as diversas culturas” (ROUANET, 2000, p. 2). Esses são aspectos relevantes para estudos das textualidades contemporâneas que envolvem a teoria literária, os estudos da tradução e, sobretudo, os estudos de literatura digital que tratam do objeto de criação literária.

3. Rumo à virtualização dos “mapas-múndi”

Como pudemos observar, Even-Zohar trata dos polissistemas de modo amplo e complexo ao mesmo tempo em que esclarece e define direções conceituais que auxiliam no modo como tratar as relações um tanto arbitrarias quando nos referimos a um sistema literário universal. Arbitrarias uma vez que definem e caracterizam os aspectos distintos de valor estético que evidenciam a literariedade do objeto literário.

Nesse sentido, as interrelações entre sistemas distintos evidenciam-se por meio de interferências pelas quais, não apenas textos, mas também, questões de ordem cultural, histórica, ideológica e social, apresentam-se e ecoam pelos séculos de produção literária e por todas as nações, em umas mais, em outras menos, mas como um diálogo constante. Há uma dinâmica

presente que caracteriza a ideia de polissistema. Essa mesma interrelação que gera uma intersecção entre Teoria do Polissistema, Literatura Comparada e ciberespaço se configura, sobretudo, por tratar de um arcabouço teórico-metodológico que se estendem tanto aos estudos tradicionais do texto literário, canônico e marginal, impresso e digital, quanto aos interdisciplinares, como a música, o cinema e as artes visuais, por exemplo.

O polissistema é de natureza flexível e sua abrangência chega ao ápice quando colocado diante das novas práticas digitais que envolvem produção e disseminação de textos literários e práticas de tradução por meio da expansão constante do ciberespaço. Essa expansão é fator decorrente do processo de desterritorialização, como discutimos anteriormente, que dilui as fronteiras de acesso e revelam as interferências (ou influências) entre nações distintas inseridas no sistema universal de literaturas.

Esses ambientes virtuais correspondem e se materializam por meio da ideia de hipertexto e da navegação aos saltos e organizados por *hiperligações* que levam o leitor de um ponto a outro de forma multiplural e praticamente sem restrições de acesso. Nesse sentido é que Lambert, ao tratar do processo de mundialização, nos remete ao hipertexto e à configuração do que denominamos “mapas-múndi virtualizados” que a atual “era digital” torna possível, concreto e visível, sem que se exclua nenhum pormenor, ou seja, a configuração de um ousado mapa-múndi das literaturas, considerando ao mesmo tempo aspectos variados como estética textual, contexto histórico, ideologias, sistemas literários nacionais, aspectos linguísticos, torna-se possível em um ambiente virtual, que correlaciona todos esses aspectos na tela de um computador.

Essa interatividade de dá por meio das hiperligações. Esses “inovadores” recursos tecnológicos configuram-se relevantes para uma pesquisa exploratória e analítico-reflexiva, aos estudos de literatura (impressa e digital) que tratam das relações entre sistemas e meios distintos de produção literária.

Desse modo, evidenciamos as contribuições que o ciberespaço (representado pelos ambientes virtuais) proporciona para a uma configuração

movente e conexa dos “mapas-múndi” virtualizados das literaturas influenciadas pelo processo de mundialização, reflexo direto do que Even-Zohar denomina polissistemas. Os estudos que tratam das literaturas não devem minimizar as influências que os atuais aparatos tecnológicos disponíveis remetem à criação artística, sobretudo, no sentido em que já se consolidam como uma nova tendência contemporânea de produção – não apenas literária.

Os polissistemas nos distanciam das visões tradicionalistas que envolvem o cânone, por exemplo, e nos levam a refletir sobre as relações entre os sistemas literários inseridos em ambientes virtuais, ou seja, sua natureza dilui, além dos territórios, a noção de centro e periferia, uma vez que o ciberespaço não é excludente nem seletivo.

Bibliografia

BAHIA, M. Mídias em movimento: o conceito de midiamoção e a indústria do entretenimento. In: WALTY, I. L. C.; CURY, M. Z. F.; ALMEIDA, S. R. G. (Orgs.). **Mobilidades Culturais: agentes e processos**. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2009. p. 13-29.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: **Obras escolhidas**. Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985. Disponível em: <<http://migre.me/40lrJ>>. Acesso em: 28 maio 2009.

BRUNEL, P; PICHOIS, C. L.; ROUSSEAU, A. M. **Que é literatura comparada?** São Paulo: Perspectiva, 1995.

CARVALHO, C. A. **A tradução para legendas: dos polissistemas à singularidade do tradutor**. 2005. 160f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2005.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. v. 1. São Paulo: 34, 2009.

EVEN-ZOHAR, I. Polysystem Studies. **Poetics Today**, v. 11, n. 1, 1990. Disponível em: <<http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/ez-pss1990.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2009.

LAMBERT, J. Em busca dos mapas-múndi das literaturas. In: RIESZ, J.; PICARD, A. (Eds.). **Semper aliquod novi**. Littérature comparée et Littératures d’Afrique. Mélanges offerts à Albert Gérard. Tübingen, Gunter Narr, 1990, pp. 109-121.

LEFEVERE, A. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Tradução de Cláudia Matos Seligmann. Bauru: Edusc, 2007. pp. 11-49.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**. São Paulo: 34, 1993. 260p.

MORETTI, F. Conjectures on World Literature. **New Left Review**, v. 1, jan/feb 2000. pp. 54-68. Disponível em: <<http://migre.me/1pFm9>>. Acesso em: 28 maio 2009.

PESAVENTO, S. J. Com os Olhos no passado: a cidade como palimpsesto. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 11, n. 11, p. 25-30, 2004. Disponível em: < <http://migre.me/2glb4>>. Acesso em: 03 out. 2010.

ROUANET, S. P. As duas vias da mundialização. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 de julho de 2000. Disponível em: <www.race.nuca.ie.ufrj.br/journal/r/rouanet1.doc>. Acesso em: 29 maio 2009.

WALTY, I. L. C. **Mobilidades culturais**: o exemplo das revistas alternativas urbanas. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 11, n. 20, p. 195-204, jan./jun. 2007. Disponível em: < <http://migre.me/2glvJ>>. Acesso em: 04 out. 2010.

Recebido em: 07-mar Aprovado em: 28-jun
